

A presença da ciência no jornal: análise de veículos de Mato Grosso¹

Danielle Tavares Teixeira²
Universidade do Estado de Mato Grosso

Resumo

O estudo analisa a divulgação de notícias sobre C,T&I dois maiores jornais impressos de Mato Grosso, o Diário de Cuiabá e A Gazeta, sua contribuição para a visibilidade científica regional e o espaço destinado às universidades públicas em atuação no estado. As análises objetivaram detectar tendências, recorrência temática, editoria em que configura fato científico, procedência do fato informativo, gênero jornalístico na construção da notícia, autor do relato e uso de determinadas fontes de informação nas matérias selecionadas. O método adotado para sistematização e análise de dados seguiu pressupostos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2009). As investigações apontam que essas IES públicas ainda não ocupam lugar relevante em tais veículos, o que pode ser justificado pela inadequação de canais de relacionamento, assim como, pela necessidade de uma política de divulgação científica.

Palavras-chave

Comunicação, Jornalismo Científico, Divulgação Científica, jornalismo especializado, universidade.

1. Introdução

O estado de Mato Grosso destaca-se por sua grande extensão territorial, ocupando uma área de 903.357 km² e com 780 km de fronteira com a Bolívia. O estado detém diversidade cultural, com a presença de comunidades tradicionais, como grupos indígenas e quilombolas, além de grande riqueza natural, caracterizado por três biomas: pantanal, cerrado e floresta amazônica. Nas três últimas décadas, transformou-se no primeiro produtor de soja, algodão e milho e o maior rebanho bovino do País, ocupando posição de destaque no *ranking* das exportações brasileiras.

O cenário de CT&I é paradoxal: a pujança econômica contrasta com uma base científica e tecnológica reduzida e restrita a poucas instituições de pesquisa. Apesar do acelerado crescimento econômico e grande competitividade agrícola, Mato Grosso,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2017.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), jornalista em atuação na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Este trabalho constitui-se parte integrante da Tese de doutorado da autora. E-mail: dtavaresjf@hotmail.com.

assim como as demais regiões periféricas do País, tem experimentado grandes desafios na atração, formação e retenção de profissionais qualificados. Nesse contexto, destacam-se as duas maiores Instituições de Ensino Superior públicas consolidadas regionalmente, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e a Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), que congregam quase a totalidade de doutores em atuação no estado.

Essas duas universidades estão situadas em contexto geográfico estratégico e têm papel decisivo na formação de professores para a educação básica e de profissionais de nível superior naqueles municípios mais longínquos dos grandes centros. Portanto, nestas regiões que ainda apresentam deficiência na infraestrutura de acesso, a UFMT e a Unemat são canais decisivos de formação universitária para expressiva parcela da população, especialmente em regiões distantes a mais de 1.000 km de Cuiabá.

Comecei esta caminhada direcionada pela crença de que as universidades públicas de Mato Grosso, apesar de reunirem profissionais qualificados e alavancarem a pesquisa regional, não ocupam lugar relevante em pautas sobre CT&I na mídia estadual. Para verificar tal hipótese, foi realizado mapeamento sistemático nos dois maiores jornais de circulação diária no estado, A Gazeta e Diário de Cuiabá.

Para responder a essas inquietações iniciais, fez-se estabelecer alguns objetivos mais específicos, dentre os quais: analisar a divulgação de notícias sobre C&T nos periódicos, sua contribuição para a visibilidade científica regional e o espaço destino às universidades públicas em atuação no estado de Mato Grosso.

Pesquisa nacional promovida pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT, 2010) apontou que os temas ligados à ciência e tecnologia aparecem em quinto lugar na lista de interesse dos brasileiros tendo, à frente, esporte, moda, economia e religião. Tal desinteresse é justificado pelo “não entendimento” e “falta de tempo”. Outro dado relevante trazido pelo documento é no tocante à fonte de informação utilizada. Dentre os entrevistados, 15% afirmaram se informar com frequência sobre o assunto pela TV, 12% por jornais, outros 12% por revistas e 9% pela internet.

Os dados acima apontados reforçam a responsabilidade dos meios de comunicação na popularização de temas ligados à Ciência e Tecnologia e, ao mesmo tempo, demonstram que os veículos ainda não encontraram o formato adequado para comunicar tais pautas ao seu público. Além de outros fatores socioculturais

determinantes, isso pode ser explicado por uma divulgação insuficiente, distanciamento da linguagem e a falta de conexão entre ciência, tecnologia e a realidade das pessoas.

2. Notas sobre o Jornalismo Científico

Verifica-se, nos últimos anos, um grande aumento nas publicações especializadas sobre Ciência e Tecnologia em diferentes mídias, antes restritos à comunidade científica, publicações especializadas ou revistas técnicas. O jornalismo sobre C&T, mais comumente chamado de Jornalismo Científico, diz respeito à divulgação de assuntos relativos a áreas da Ciência, Tecnologia e Inovação (C,T&I), segundo os critérios e o sistema de produção jornalística. Nesse sentido, o pesquisador José Marques de Melo define esse campo do jornalismo como uma atividade social condicionada por determinantes organizacionais, da seguinte maneira:

[...] processo social que se articula a partir da relação (periódica/noturna) entre organizações formais (editoras, emissoras) e coletivamente (públicos receptores) através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/ cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) de natureza científica e tecnológica em função de interesses e expectativas (universos culturais e ideológicos) (MARQUES DE MELO, 2003, p. 41).

Dentre as características destacadas pelo autor supracitado, o jornalismo de temas de C&T, em diferentes plataformas, destina-se a um grande público não especializado. Tal perspectiva seria revista posteriormente, por Bueno (2009), que relativiza essa ênfase nesse grande público. De fato, veículos visam à popularização de temas de CT&I podem ser dirigidos a público bastante segmentado, com algum conhecimento sobre os temas ou públicos bem restritos, como publicações destinadas a um público infantil, juvenil ou não iniciadas.

Os limites do jornalismo científico estão na especificidade do seu processo de captação, produção e edição de informações especializadas, não sendo decisivos, portanto, os veículos utilizados, as áreas de conhecimento sob cobertura e o nível de complexidade dos fatos e informações científicas. O professor Wilson Bueno (2009, p. 161), embasando-se na tipologia proposta pelo alemão Otto Groth, destaca que JC se refere a um caso particular de divulgação que depende de parâmetros que tipificam a atividade jornalística, dentre os quais, periodicidade, atualidade, difusão coletiva, e experimenta manifestações diversas do processo de difusão.

Dessa forma, adoto neste trabalho a definição proposta por Bueno (2009, p. 170) que, ao revisitar sua própria tese, descreve essa especialização do jornalismo como:

[...] veiculação de fatos e informações de natureza científica e tecnológica ou associada à inovação, permitindo ao cidadão comum inteirar-se das novas descobertas da ciência e de suas implicações políticas, econômicas e socioculturais.

Vê-se que tal concepção do JC amplia o entendimento da atividade, ao incorporar a dimensão da inovação e o papel do jornalismo como mediador dessas informações especializadas para público não especializado.

Funções e objetivos do Jornalismo Científico

Jornalismo Científico foi visto, por muito tempo, como uma atividade de simplificação do conhecimento, em que o jornalista teria a grande missão de desencastelar o saber produzido nos grandes centros e traduzir, de forma mais correta possível, os termos, concepções e progressos científicos para uma linguagem acessível e inteligível a um público amplo. O processo comunicativo seria, então, unidirecional, linear, e o público, uma massa homogênea e passiva, formada por pessoas com *deficits* cognitivos e informativos.

Entretanto, desde as últimas décadas, diferentes estudiosos defendem que a atividade não se restringe a informar, traduzir ou alfabetizar o público sobre avanços científicos e tecnológicos, mas deve assumir um caráter educativo e político que possa contribuir para a construção de uma cultura científica.

Calvo Hernando (1977), por exemplo, destaca como objetivos do jornalismo científico: 1) criação de uma consciência nacional e continental de apoio e estímulo à divulgação científica e tecnológica; 2) divulgação dos novos conhecimentos e técnicas, possibilitando o seu desfrute pela população; 3) preocupação com o sistema educacional que fornece recursos humanos qualificados para desempenhar a tarefa de investigação; 4) estabelecimento de infraestrutura de comunicação e consideração das novas tecnologias e conhecimentos como bens culturais, medidas que objetivam democratizar o acesso à posse da ciência e da tecnologia e 5) incremento da comunicação entre investigadores.

O autor enfatiza, em seus estudos, a função educativa do jornalismo científico. Segundo ele, as tarefas de vulgarização da ciência e do ensino são complementares, na

medida em que ambas pressupõem uma intenção pedagógica. Ele distingue, no entanto, as relações pedagógicas que subsistem nos processos de divulgação científica daquelas contidas nas atividades de ensino, argumentando que, no último caso, a retroalimentação estaria sempre presente.

Cabe, aqui, resgatar as funções do jornalismo especializado elucidadas por Esteve Ramírez (1999, p. 8. Tradução minha):

1) Didático-pedagógica, ao tratar os dados necessários para uma informação completa; 2) Persuasiva, pois quanto maior a credibilidade do especialista de uma determinada matéria, maior o seu poder de persuasão e influência; 3) Divulgadora: codificar adequadamente as mensagens com conteúdo de certa dificuldade técnica para uma linguagem jornalística acessível, que facilite a compreensão por um público não especializado; 4) Mediadora: da linguagem científica e técnica para uma terminologia mais compreensível e contextualizada.

A análise do autor aplica-se aos diferentes campos do jornalismo especializado. Entretanto, seu esforço de conceituação pode ser estendido ao Jornalismo Científico. Conforme tal entendimento, a atividade do jornalista especializado em CT&I não é mera retransmissão ou simplificação dos fatos científicos, mas um trabalho de aprofundamento e interpretação dos acontecimentos, contextualizando-os e apontando novos elementos de valoração e análise.

3. Metodologia para análise de pautas científica na mídia estadual de Mato Grosso

Neste estudo avalio, conforme salientado anteriormente, o espaço destinado à cobertura de pautas sobre Ciência, Tecnologia e Inovação, nos principais jornais de circulação estadual em Mato Grosso, “Diário de Cuiabá” e “A Gazeta”. O corpus foi constituído por edições dos dois veículos impressos de circulação estadual de maior tiragem regional: Diário de Cuiabá (com média de 20 mil exemplares) e A Gazeta (22 mil), utilizando-me, para recorte temporal, o método da semana composta (MINAYO, 1993; BAUER, 2012).

O método adotado para sistematização e análise de dados seguiu pressupostos da Análise de Conteúdo (AC) que, segundo proposições de Bardin (2009), trata-se do desvendamento de significações de diferentes tipos de discursos, baseando-se na inferência ou dedução, mas que, simultaneamente, respeita critérios específicos propiciadores de dados em frequência, em estruturas temáticas.

No campo do jornalismo, a AC pode ser utilizada para diferentes objetivos: detectar tendências e modelos de análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos. Serve, também, para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos, para avaliar características da produção de indivíduos, grupos e organizações, para identificar elementos típicos, exemplos representativos, discrepâncias e para comparar o conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas (BARDIN, 2009; HERSCOVITZ, 2007; FONSECA JÚNIOR, 2008; FRANCO, 2005).

Nesse sentido, as análises dos diferentes jornais estaduais me possibilitaram inferir sobre o enfoque e espaço dados a matérias sobre ciência e tecnologia estadual, critérios de noticiabilidade e divulgação da pesquisa produzida no Estado. Dessa forma, a amostra totalizou 14 edições dos jornais, sendo sete edições de cada veículo, nas datas: Domingo (23 fev. 2014), Segunda-Feira (03 mar. 2014), Terça-Feira (11 mar. 2014), Quarta-Feira (19 mar. 2014), Quinta-Feira (27 mar. 2014), Sexta-Feira (4 mar. 2014), Sábado (12 mar. 2014).

Inicialmente, selecionei todas as unidades redacionais que relataram fatos vinculados ao universo científico, independente da sua finalidade. Adoto, aqui, um conceito abrangente de Jornalismo Científico, não restrito às ciências exatas ou biológicas. Dessa maneira, listei todas as unidades de informação cuja temática explícita era a Ciência, Tecnologia e Inovação e procurei delimitar, inclusive, a natureza de cada mensagem a partir da direcionalidade construída pelos respectivos produtores.

No período da análise aqui empreendida, ao longo dos meses de fevereiro e março de 2014, o jornal A Gazeta publicou 57 relatos jornalísticos sobre CT&I, enquanto O Diário de Cuiabá deu espaço a 30 unidades de informação. Os dados obtidos me permitem afirmar que o primeiro veículo divulgou uma média de 8,14 fatos científicos por edição, enquanto o segundo, uma média diária de 4,2. Tal quantitativo é superior ao detectado em pesquisa realizada com 62 impressos brasileiros (MCT, 2010), por exemplo, que mapeou uma média de 2,3 notícias por edição.

A seguir, cada unidade de informação definida como “Pesquisa” foi categorizada, a partir da identificação de seis fatores: 1) área e subárea do conhecimento, conforme definição adotada pelo CNPq; 2) editoria em que o fato científico foi veiculado; 3) procedência do fato informativo; 3) gênero jornalístico; 4)

autor do relato e 5) a fonte do relato científico, se institucionalizada ou não. A partir dessa categorização proposta, foi construído o quadro a seguir (Quadro 1).

Quadro 1. Sistematização dos fatos científicos veiculados nos principais jornais de Mato Grosso.

JORNAL	ÁREA DO CONHECIMENTO	EDITORIA	ORIGEM	GÊNERO	AUTOR	FONTE
DIÁRIO DE CUIABÁ	Ciências Humanas Ciências da Saúde Ciências Agrárias Sociais Aplicadas Ciências Biológicas	12 Artigos 6 Cidades 5 Economia 4 DC ilustrado 2 Brasil 1 Editorias	13 Nacional 12 Estado 5 Município	9 Notícia 7 Coluna 5 Artigo 4 Reportagem 3 Nota 2 Carta leitor	20 Jornalista 9 Cientista 1 Leitor	Instituição Pesquisador Celebridade Independente
GAZETA	Ciências Agrárias Ciências da Saúde Ciências Humanas Engenharias Sociais Aplicadas Biológicas Ciências Exatas e da terra	15 Opinião 12 Economia 8 Cidade 8 Mais vida 6 Terra e criação 6 Nacional 2 Internacional	38 Nacional 12 Estado 5 Internacional 2 Município	30 Notícia 9 Nota 6 Artigo 5 Coluna 3 Reportagem 2 Editorial 2 Crônica	38 Jornalista 19 Cientista	Órgão Governo Empresa privada Cientista Instituição pública ONG Celebridade Empresa pesquisa Faculdade Independente

Fonte: construído pela autora.

O primeiro aspecto a ser destacado sobre a informação científica nos dois maiores jornais de Mato Grosso (Quadro 1) é a inexistência de uma seção diária sobre Ciência, Tecnologia e Inovação. Se bem que o jornal A Gazeta veicula semanalmente um caderno especial, denominado Terra e Criação, com temáticas concernentes ao meio rural, dedicando, mesmo que não exclusivamente, um relativo espaço para pautas de Jornalismo Científico.

Em trabalho realizado por Magali Izuwa (1984), em seis jornais do país, a pesquisadora já havia apontado essa inexistência de uma seção diária sobre C&T, nos mesmos parâmetros existentes para temas como, política, economia e esportes. Tal tendência também foi evidenciada em pesquisas posteriores, como relatadas por Marques de Melo (1992), Fundep (2008), MCT (2010) e Caldas (2011), dentre outras pesquisa produzidas em pesquisa de mestrado e doutorado.

4.1 Áreas do conhecimento

Para quantificar esse aspecto, tomei como referência a classificação oficial do CNPQ, também adotada pelo conjunto dos órgãos públicos que fomentam a pesquisa no

Brasil. Essa classificação compreende nove grandes áreas do conhecimento, a saber: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes; Outros.

Quanto às áreas prioritárias de cobertura, no jornal Gazeta, houve hegemonia das Ciências Agrárias e Ciências da Saúde (15 ocorrências cada), seguida de Ciências Humanas (10), Engenharias (7), Sociais Aplicadas (6) e, por fim, as Ciências Biológicas e Exatas. A grande presença de temas agrários pode ser justificada pela existência do caderno setorizado que, apesar de não trazer exclusivamente pautas científicas, alarga o espaço para a temática.

Cabe ressaltar que, nesse sentido, o mapeamento conduzido pela Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP, 2009), também apontou o predomínio das Ciências da Saúde (28,4% em média), Biológicas (20,7%), Exatas e da Terra (17,9%). Já em outra investigação, realizada com jornais paulistas, Silva (2011) evidenciou que as notícias sobre ciência, apesar de terem grande representação das áreas biológicas e tecnológicas, começavam a abordar as Ciências Humanas, Sociais, Linguística, Saúde e de Políticas de C&T.

Essa nova ênfase também foi observada no jornal de Mato Grosso, Diário de Cuiabá, com uma reversão de expectativas da prioridade às Ciências duras em detrimento às Sociais. Nos relatos científicos, do período compreendido entre fevereiro e março de 2014, a ênfase desse veículo recaiu em temas relativos às Ciências Humanas (13 unidades de informação), Ciências da Saúde (7) e Ciências Agrárias (6), entretanto, também houve espaço para as Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Biológicas, mesmo que com menor ênfase.

4.2 Editorias

Outro ponto a ser destacado nesta pesquisa é que a divulgação científica ocupou espaços nas mais diversas editorias dos jornais de Mato Grosso, avaliados para esta pesquisa. Como apontei anteriormente, os relatos jornalísticos sobre CT&I carecem de cadernos próprios e, dessa forma, tais textos não aparecem centralizados em uma única editoria, mas encontram-se espalhados pelas páginas dos jornais, em distintos cadernos, sob variadas formas e abordagens.

Conforme dados coletados para esta pesquisa, no periódico A Gazeta, a maior concentração da pauta científica foi encontrada na coluna “Opinião”, seguido das páginas de Economia, Cidade, Mais vida, Terra e Criação, Nacional e Internacional. Da mesma forma, no Diário de Cuiabá, a maioria das unidades de informação foi publicada na editoria “Artigos”, seguida de Cidades, Economia, DC ilustrado, Brasil e Editorias, apontando uma angulação opinativa à temática.

Interessante destacar, nesse aspecto, a relevante presença, nesses jornais, de cientistas atuando como colunistas, em que mantêm espaço para avaliar uma temática em voga, sob a ótica de um saber científico. Também foram encontrados, nesses espaços opinativos, a mistura de textos jornalísticos com textos científicos. Entretanto, em muitos casos, o cientista assina apontando sua titulação acadêmica e, não necessariamente, seu vínculo com a instituição universitária.

4.3 Procedência dos relatos

Vê-se nos dois veículos diários de Mato Grosso a predominância de fatos de origem nacional, mas também relevante abertura para a produção do estado ou de algum município de Mato Grosso, e a ocorrência de notícias internacionais somente no jornal A Gazeta.

Nos dois periódicos, a maior parte dos relatos sobre temas científicos, foi construído e assinada por um jornalista, mas também foi identificada grande presença de textos de autoria dos próprios cientistas e somente uma carta do leitor.

Também é importante destacar que, no jornal Gazeta, os atores dos registros jornalísticos apareceram, na maioria das vezes, de forma institucionalizada e não individualizada. Quer dizer, utilizou-se como fontes prioritárias, órgãos do Governo, empresas privadas, seguida por cientistas, instituições e órgãos de pesquisa pública, seguidos por personalidades do mundo científico, principalmente os pesquisadores e líderes destacados, empresas de pesquisa e somente um relato apontou a Universidade como fonte. Já o Diário de Cuiabá, utilizou-se fatos noticiosos gerados por instituições de pesquisa, pesquisadores e pessoas independentes, quer dizer, que não declararam algum vínculo.

Ao analisar o uso de fontes institucionalizadas no noticiário científico, Marques de Melo (1992, p.78) apontou que tal fato poderia acarretar o maior comprometimento aos produtos da informação e, conseqüentemente, ao relato

veiculado. Interessante comentar, ainda que, como a atividade jornalística prevê o contraditório e a diversidade de fontes, esta também deveria ser uma prática comum nas pautas sobre Ciência e Tecnologia. Nesse sentido, Caldas (2004, p. 42) afirma que nesse processo de fomento à alfabetização científica nas escolas, museus ou na mídia, cresce a responsabilidade dos divulgadores da C&T, sejam eles jornalistas, cientistas e professores.

Neste trabalho conjunto, em que a produção pode se dar de formas distintas, quer na construção coletiva do conhecimento ou na revisão de conteúdo, o que importa, de fato é o cuidado com o rigor científico na coleta dos dados, na diversidade de fontes, a precisão da informação e sua contextualização para que eventuais erros não sejam amplificados e comprometam o processo de alfabetização científica.

Dessa forma, mais do que fontes de conteúdo, cientistas, jornalistas e professores devem atuar como parceiros na construção e veiculação da informação, assim como na utilização crítica desses conteúdos em sala de aula.

4.4 Gêneros jornalísticos

Para avaliar os gêneros utilizados na construção das mensagens, utilizei a categorização de Gêneros Jornalísticos, proposta por Marques de Melo (2003, 2006): 1) Gêneros informativos: nota, notícia, reportagem entrevista; 2) Gêneros opinativos: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta; 3) Gêneros utilitários ou prestadores de serviços: roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional; 4) Gêneros ilustrativos ou visuais: gráficos, tabelas, quadros, demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia; 5) Propaganda: Comercial, institucional e legal; 6) Entretenimento: Passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, entre outros.

Nos dois jornais analisados, o gênero jornalístico prioritariamente utilizado foi a notícia. Dos gêneros opinativos, o Diário de Cuiabá apresentou mais colunistas em suas páginas, enquanto na Gazeta, foi evidenciada maior recorrência a artigos para a difusão de pautas científicas. Vê-se, também, que ambos produziram reportagens, com ampliação dos fatos. Nesse sentido, ainda foi possível evidenciar uma certa fusão de gêneros jornalísticos nos espaços de divulgação científica. Quer dizer, foram encontrados artigos científicos adaptados para formatos jornalísticos, entrecruzamento de textos jornalísticos e científicos, além da presença de cientistas como colunistas.

5. Considerações

A hipótese que fundamentou esta pesquisa é que as universidades públicas de Mato Grosso, Unemat e UFMT, não ocupam lugar relevante em pautas sobre CT&I na mídia estadual. O que se depreende das análises sobre os maiores jornais de circulação estadual em Mato Grosso, A Gazeta e Diário de Cuiabá, esses veículos é a falta de editorias específicas destinadas à temática científica, assim como o restrito espaço ocupado pelas Universidades públicas na superfície impressa, priorizando-se, muitas vezes, matérias sobre pesquisas desenvolvidas em empresas privadas.

Não me ocuparei, aqui, dos méritos econômicos e organizacionais que contribuem para a inserção das pesquisas de grandes multinacionais no noticiário, pois, de fato, as atividades de difusão científica são essencialmente políticas e contextuais. Entretanto, posso apontar que a redefinição de canais, adequação da linguagem e busca de aprimoramento de relacionamento com a mídia e distintos *stakeholders* podem contribuir para abrir um pouco as páginas desses veículos às relevantes pesquisas desenvolvidas nas IES analisadas.

Outro fato significativo a ser destacado, nessa investigação, é que o espaço dedicado a textos sobre ciência, tecnologia e inovação não é tão reduzido quanto muitas vezes se alarma. Dessa forma, invalido os argumentos que justificariam que “as universidades não estão nos jornais porque não há interesse em pautas sobre esses assuntos”, ou que a “mídia só tem interesse em coisas negativas”. Mais uma vez afirmo, há o espaço, entretanto, não está sendo ocupado pelas instituições públicas.

Enquanto as instituições universitárias praticam uma política de silêncio em relação as pesquisas que efetuam, as empresas privadas ocupam grande parte da cobertura científica, o que é revelador, considerando a pequena participação do segmento empresarial na produção de conhecimento. Com certeza, esse tipo de matéria cuja fonte é uma organização da iniciativa privada contém menos a difusão do saber do que o registro de processo de transferência tecnológica.

Indicadores Nacionais de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCT, 2012) mostram que o Governo investe 52,37% do dispêndio nacional em pesquisa e desenvolvimento, enquanto as empresas privadas, 47,63%. Dessa forma, uma correta divulgação das informações científicas pode contribuir para legitimar esses investimentos públicos em C&T, favorecer o processo de democratização do

conhecimento e criar uma imagem favorável às universidades, institutos e mesmo às empresas que produzem ciência, tecnologia e inovação.

Segundo Lima e Caldas (2010), o trabalho de divulgar ciência exige do profissional de comunicação, que atua na mídia em geral, e nas assessorias de comunicação de instituições de pesquisa e agências de fomento, especificamente, não apenas um conhecimento geral, mas, principalmente, uma capacidade de percepção crítica e analítica da política científica e tecnológica, a importância da pesquisa a ser divulgada e o seu impacto social. Nesse sentido, o Jornalismo Científico assume a função de democratizar o conhecimento e contribuir para uma cultura científica que permita às pessoas tomarem melhores decisões.

6. Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUER, M. W. & GASKELL, G. (Orgs.) (2002). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. (P. A. Guareschi, Trad.). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).
- BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil – 2010: O que o brasileiro pensa da C&T?** Departamento de Popularização e Difusão da C&T. Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, 2010. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/c52098dc-9364-4661-a8a9-d99c0b2bb9ef>>. Acesso em: 26 mar. 2013.
- FUNDEP-** Fundação de Desenvolvimento de Pesquisa; Agência de Notícias dos Direitos da Infância. 2009. **Ciência, tecnologia e inovação na mídia brasileira: conhecimento gera inovação**.
- BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: o compromisso de uma prática independente**. 163 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- _____. Jornalismo científico: revisando o conceito. In: VICTOR, Cilene et al. (Org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, 2009. p. 157-178.
- _____. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 15, n. especial, p.1-12, 2010.
- CALDAS, Maria das Graças Conde. Jornalistas e cientistas: a construção coletiva do conhecimento. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: PósCom- Umesp, n. 41, p. 39-53, 1 sem. 2004.
- _____. O papel das assessorias de comunicação na divulgação da ciência: a experiência da Unicamp. **Revista Comunicarte**, Campinas, v. 15, n. 21, p. 67-79, 1997.
- _____. Mídia e políticas públicas para a comunicação da ciência. In: PORTO, Cristiane de Magalhães, BROTAS, BORTOLIERO, Simone (Orgs). **Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 19-36.
- CALVO HERNANDO, Manuel. **El Periodismo Científico: misiones y objetivos**. Barcelona: Mitre, 1982.

-
- ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. **Comunicación Especializada**. Tucuman: Alicante, 1999.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008, p. 280-303.
- FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In: BENETTI, M. e LAGO, C. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 123-142.
- IZUWA, Magali. A prática do Jornalismo científico no Brasil. **Comunicação e Sociedade**, n. 11. São Bernardo do Campo: IMES, 1984.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Universidade e comunicação na edificação da sociedade**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIMA, L. C. B.; CALDAS, Graça. Comunicação Pública da Ciência e a Fapesp. In: XVI Seminário de Teses em andamento, 2011, Campinas. **Anais do Seta**, 2010. v. 5. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/1270/1471>>. Acesso em 03 dez. 2015.
- MARQUES DE MELO, José. **Teorias do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.
- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.
- _____. **Teoria da divulgação científica**. São Paulo. ECA- USP. 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2009, p. 9-29.